



FOCO NA CRIANÇA

✓ SEGUINDO

Caminhos para uma infância mais saudável e com o melhor suporte médico são o mote dos artigos do pediatra Felipe Monti Lora, CEO do Sabará Hospital Infantil

Família

O que você precisa saber sobre a relação entre autismo e Tylenol

Estudos científicos reforçam que o uso de paracetamol na gravidez é seguro e não há relação comprovada com o aumento de casos de autismo

Por Felipe Monti Lora
4 out 2025, 04h00



Durante a gravidez, medicamentos devem ser usados sempre com cautela e sob orientação médica (Foto: Unsplash / Volodymyr Hryshchenko/SAÚDE é Vital)

principalmente as mães, das pessoas que têm algum grau do **transtorno do espectro autista (TEA)**.

Segundo Trump, a FDA (Food and Drug Administration) notificaria médicos de que o uso de **Tylenol** durante a gravidez “pode estar associado a um risco muito maior de autismo”, relacionando o analgésico (utilizado para febre e dores de cabeça, principalmente por gestantes) com o **crescimento do número de diagnósticos** de TEA entre as crianças.

No entanto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e agências internacionais de saúde como o Colégio Americano de Obstetrícia e Ginecologia, o Serviço Nacional de Saúde do Reino Unido e a Comissão Europeia afirmaram que não há evidências científicas conclusivas que liguem o uso de **paracetamol** durante a gravidez ao autismo.

As diretrizes médicas indicam que o medicamento é a “primeira escolha” de analgésico para tratar gestantes, podendo ser utilizado durante toda a gestação sem causar danos ao bebê.

Números do autismo no mundo e no Brasil

De acordo com relatório da Rede de Monitoramento de Autismo e Deficiências dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), uma em cada 31 crianças nos EUA é identificada como autista aos 8 anos de idade. O levantamento foi feito em 16 locais dos Estados Unidos em 2022.

No Brasil, segundo dados do **Censo de 2022**, cerca de 2,4 milhões de pessoas foram diagnosticadas com autismo. Entre as crianças de 5 a 9 anos, os números chegam a 2,6% da população.

A organização **Autistas Brasil** critica declarações como a de Trump e alerta para o risco de políticas que desumanizam pessoas autistas.

+Leia também: [**“Infelizmente, o tratamento do autismo virou um grande negócio”**](#)

Fatores que explicam o aumento nos diagnósticos

O coordenador de neurologia do Sabará Hospital Infantil, *Dr. Carlos Takeuchi*, explica que “o TEA é resultado de alterações no desenvolvimento cerebral e tem origem multifatorial, podendo estar relacionado a **fatores genéticos e ambientais**, isoladamente ou em conjunto”.

Segundo ele, desde 2013, com a atualização do DSM-5 (manual de referência para diagnóstico de transtornos psiquiátricos), os critérios de identificação do TEA **foram ampliados**. Além disso, o maior conhecimento das famílias, a melhor capacitação dos profissionais de saúde e a crescente busca por atendimento contribuem diretamente para o aumento no número de diagnósticos.

período, sem mudanças significativas de frequência no consumo.

O que os estudos científicos mais recentes mostram

Especialistas que atendem crianças e adolescentes com TEA reforçam que, de acordo com as informações disponíveis, o **uso do paracetamol é seguro** para gestantes.

Um estudo publicado pela revista científica *JAMA*, em 2024, analisou dados de quase 2,5 milhões de crianças na Suécia para investigar se o uso do medicamento na gravidez estaria associado a maior risco de autismo, **TDAH** ou deficiência intelectual.

O resultado **não encontrou evidências científicas claras** que comprovem relação direta entre o uso prudente do medicamento e problemas de desenvolvimento neurológico durante a gestação.

Mães não devem carregar culpa

Portanto, mães que tenham utilizado o remédio devem ficar tranquilas.

“É fundamental termos cautela ao abordar possíveis associações entre o uso de medicamentos, como o paracetamol, e o desenvolvimento do autismo. A mãe que utilizou o medicamento durante a gestação e tem um filho com TEA **não deve carregar o peso dessa responsabilidade**. Esse tipo de pensamento pode gerar sofrimento psicológico profundo, desestruturar emocionalmente a mulher e impactar toda a dinâmica familiar. Como médicos, nosso papel é evitar que se crie um problema adicional desnecessário; **não se deve terceirizar a culpa por uma condição multifatorial** como o autismo”, afirma *Dr. Takeuchi*.

A importância do acompanhamento médico

Mulheres que planejam engravidar devem procurar orientação médica para saber quais medicamentos podem ou não utilizar, considerando seu estado de saúde.

Já as gestantes devem realizar o **pré-natal**, que é a melhor forma de garantir uma infância saudável para o bebê.

Compartilhe essa matéria via:

WhatsApp

Telegram